



Para onde devemos olhar? Reflexões sobre as relações de poder

Where should we look? Reflections on power relations

Alan Silva de Aviz

Sociólogo, membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Tecnológica (NEPET)
Bolsista da agência de fomento FUMDES/UNIEDU
Doutorando em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC).
E-mail: alanaviz2017@gmail.com

Fernanda Carvalho Ferreira

Pedagoga, membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Tecnológica (NEPET)
Bolsista FAPESC
Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC).
E-mail: pronandacarvalho@gmail.com

Cesar Dalmolin

Físico, membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Tecnológica (NEPET)
Doutorando em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC).
E-mail: cesar.saxon@gmail.com

Resumo

O presente trabalho analisa, por meio do filme “Não olhe para cima”, como as relações de poder se configuram atualmente por intermédio das mídias, fazendo um paralelo com as relações do contexto vivido na sociedade atual, seja durante a pandemia como antes dela. Dessa forma, o presente trabalho desenvolve uma reflexão de forma hermenêutica, apropriando-se dos elementos constitutivos do filme supracitado, para não apenas descrever os apontamentos lançados por este, como também para estabelecer um contraponto com a nossa realidade, sobretudo com os posicionamentos políticos e coletivos ascendidos pela mídia. Considerando a premissa de que é necessário entendermos o poder que a mídia possui e como isso se converge para ações políticas em coletivo, torna-se fulcral perceber os mecanismos pelos quais nossa percepção de realidade pode ser construída a partir de um interesse hegemônico de poder, situações tão recorrentes na humanidade ao longo da história.

Palavras-chave: Reflexões críticas. Análise fílmica. Relações de poder. Mídia.

Abstract

The present work focuses on analyzing, through the film "Don't look up", how power relations are configured today through the media. Making a parallel, or counterpoint, with the relationships of the context experienced in today's society, whether during the pandemic or before it. In this way, the present work develops a reflection in a hermeneutic way, appropriating the constitutive elements of the film indicated in this work, not only to describe the notes launched by it, but also to establish a counterpoint with our reality, especially with the political and collectives promoted by the media. Considering the premise that it is necessary to understand the power that the media has and how this converges to collective political actions, it becomes crucial to understand the mechanisms by which our perception of reality can be built from a hegemonic interest in power, situations so recurrent in humanity throughout history.

Keywords: Critical reflections. Film analysis. Power relations. Media.

Introdução

O filme “Não olhe para cima” (*Don't Look Up*), escrito e dirigido por Adam McKay, foi lançado pela plataforma de *streaming* Netflix, em dezembro de 2021, tendo como atores Leonardo DiCaprio, Jennifer Lawrence, Tyler Perry, Meryl Streep, entre outros – um elenco de peso em uma obra considerada um drama/comédia, que contou com uma certa produção de efeitos especiais, e foi posto na classificação de 16 anos.

O filme traz uma dupla provocação ainda em seu título. “Não olhar para cima” se traduz por um posicionamento político, bem descrito pela trama, de não dar atenção para as prerrogativas apontadas pelos cientistas do que estava no porvir.

Outro fator seria o termo colocado a favor do discurso do governo e de uma parcela da mídia que estava defendendo o descrédito da informação propagada pelos cientistas. Por se tratar de questões que englobam os dias atuais (entre eles a relação de poder, *fake news* e problemas ambientais), seja no Brasil, como em vários países, inclusive nos Estados Unidos, consideramos de suma importância a escolha desta produção para uma releitura fílmica e análise hermenêutica. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em se apropriar dos elementos constitutivos dessa produção para pensarmos a equação civilizatória e a nossa condição humana presentes no mundo real, sobretudo, no Brasil. O termo equação civilizatória trata-se de uma ferramenta para a análise do real, conforme pontua Bazzo (2019), cuja equação é composta por variáveis contemporâneas que perpassam diversas questões e problemas do mundo atual. A trama nos serve de referência para pensarmos questões sérias relacionadas às *fake news*,

Dessa forma, nós, autores, enquanto membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET/UFSC), inspirados pelas discussões realizadas neste grupo sobre questões contemporâneas e pelas narrativas apresentadas pelo filme, procuramos pontuar, por meio de uma releitura fílmica, como as questões traçadas nesta ficção podem ter relações diretas com o cenário que vivemos hoje no Brasil, bem como os perigos que a tecnologia da informação e o seu difusionismo pode trazer para humanidade, como uma parte da chamada “equação civilizatória”.

No *primeiro momento*, descreveremos alguns pontos importantes apresentados pelo filme, por meio de suas cenas, bem como o que elas podem representar.

Num *segundo momento*, será feita uma análise das problemáticas que estão presentes na nossa sociedade, em que podem ser também percebidas as similaridades apresentadas no filme.

Num *terceiro momento*, será feita uma análise relacionada do filme com os perigos, os riscos e problemas da sociedade atual, bem como o que isso tem a ver com equação civilizatória e suas variáveis contemporâneas.

Num *quarto momento* serão apresentadas as considerações finais, ressaltando a preocupação sobre as questões pontuadas no presente trabalho.

1 Descrição do filme “Não olhe para cima”

A trama aqui pontuada, de origem norte-americana, traz um enredo pautado numa ficção científica, onde o futuro da terra supostamente encontra-se ameaçado, ou talvez próximo ao fim. Vemos dois personagens iniciais que têm uma rotina comum ao dia a dia acadêmico; de um lado a estudante de doutorado Kate Dibiasky, interpretada por Jennifer Lawrence, e do outro, seu orientador e professor universitário, Dr. Randall, interpretado por Leonardo DiCaprio. Ambos atuavam dentro da universidade com uma pesquisa direcionada à observação astronômica.

As cenas iniciais do filme mostram uma rotina tranquila da doutoranda Kate, em que acorda, toma café, vai para a universidade e cumpre suas tarefas no local, com todo o equipamento tecnológico disponível para sua observação. O início da trama também oferece pistas de uma sociedade moderna, com rotinas agitadas de um centro urbano, no qual o uso dos meios de comunicação atuais se faz fortemente presente. Entretanto, paralelo a esse dia a dia das grandes metrópoles, uma situação incomum acontece como resultado do trabalho dedicado de Kate, ou seja, a descoberta de um fenômeno que ameaça a vida na Terra. Trata-se de um surpreendente cometa que iria colidir com o planeta em breve.

Sua descoberta passa pela supervisão do professor Randall, que vem não só a constatar que a descoberta era um fato verídico, como também calcula o tempo em que o cometa iria colidir com a terra, concluindo que isso se daria em menos de 2 meses. Essa situação os coloca em uma difícil missão de alertar a população da Terra, sobre o que viria à tona. E para isso, recorrem ao apoio do Dr. Oglethorpe, que é um profissional de comunicação ligado ao governo, o qual se compromete a conseguir uma reunião com a presidência, para a divulgação das previsões iminentes.

Figura 1 – Dr. Randall (DiCaprio) e Doutoranda Kate (J. Lawrence).



Fonte: Divulgação (VICTOR, 2021).

O que poderia parecer uma missão fácil – ou seja, comunicar às autoridades a ameaça iminente, a fim de que tomassem providências, já que estamos na era da informação – se transforma em uma grande problemática, uma vez que os líderes políticos não levam a sério as suas descobertas. Em reunião marcada com a presidência e sua comitiva, Dibiasky e o Dr. Randall tentam se aproximar dos líderes políticos, com o objetivo de alertarem a população do que está por acontecer. Porém, deparam-se com um grupo de pessoas que os ignora e se prestam a assuntos superficiais e de pouca importância. Após horas de espera na sala de recepção da presidência, Kate e Randall são convidados a falarem com a presidente e sua comitiva. A situação culmina com o inesperado, a partir de uma reação bizarra e jocosa da presidência e de seus auxiliares, que fazem zombaria das exposições dos cientistas. Sem o apoio político, Kate e o Dr. Randall se veem com dificuldade de obter seriedade na aceitação pública, bem como conseguir prever ou tomar qualquer decisão que impeça a tragédia de acontecer.

O filme poderia até ter mergulhado num clima de suspense e ação, mas a trama se desenrola em uma sátira, em meio à frustração dos cientistas em obter apoio popular e compreensão do que estaria por vir. O sarcasmo e humor que predomina sobre os donos do poder político, econômico e da comunicação contrastam com a seriedade que tanto precisa ser tratada, e isso ocorre sobretudo quando se trata da mídia. Em uma cena específica, Kate e Randall conseguem uma entrevista em um programa jornalístico de televisão de grande repercussão no país (ou seja, por meio de comunicação em massa). O intuito é tentar chegar ao máximo de pessoas com a informação catastrófica que os aguardam, mas, ao contrário do que esperavam,

acabam sendo conduzidos pelos apresentadores, sendo publicamente alvos de zombaria, sarcasmo e pouco caso sobre o assunto que estavam tentando repassar.

Figura 2 – Pesquisadores sendo menosprezados pelo programa de TV.



Fonte: Divulgação (Google Imagens, 2022).

Dos apresentadores e jornalistas Brie Evantee (Cate Blanchet) e Jack Bremen (Tyler Perry) (à esquerda, figura 2, acima) aos líderes do governo, como a Presidenta Orlean (Meryl Streep) e seu filho Jason (Jonah Hill), a descoberta da catástrofe que iria devastar a Terra não é levada a sério, no entanto essa ação de descaso coloca o planeta inteiro em uma situação inerte diante do que está por vir, ou seja, a notícia acaba não ganhando sua devida atenção e repercussão. Uma contradição, já que vivemos em uma era da comunicação rápida e de redes virtuais ávidas por informação. Porém, o filme sinaliza para o descaso do conhecimento científico e da manipulação das relações de poder sobre a comunicação.

No desenrolar da trama há, de um lado, o descaso dos líderes da política e de uma parte da mídia, e do outro uma parcela dos veículos de comunicação e os cientistas, o que acaba criando um ambiente ambíguo tanto para a opinião pública como para a sociedade em geral. Os lados se mostram antagônicos e opostos, e isso converge para uma disputa pelos que detêm ou não a verdade, que culmina em ações de campanhas políticas que movimentam toda uma massa de pessoas, defendendo os lados prós e contras. No transcorrer da trama, um outro lado da ciência, comprometida com o sistema capitalista, por estar a mando de empresários gananciosos, se manifesta com a proposta de resolver o problema. Essa solução

consistiria em explorar o cometa e aproveitar os seus recursos naturais, ação que não é aprovada pelos cientistas que descobriram a existência dessa ameaça.

Mesmo sabendo dos riscos que a população estava vivendo, os líderes políticos se fazem valer da mídia para distorcer a informação e fazerem uma grande massa não se desesperar sobre a situação que já estava por vir, situação que desperta por meio das redes sociais diversas manifestações públicas, um movimento denominado “Não olhe para cima”, que diretamente convida as pessoas a não dar atenção para o que foi posto pelos cientistas em questão, ou seja, que a população seguisse o fluxo natural da vida e deixasse os problemas relacionados à tragédia por conta do governo.

Em meio a uma sociedade dividida entre os que “olhavam para cima” e os que “não olhavam”, entre os que se preocupavam em perceber a tragédia que a Terra iria sofrer e os que se deixavam levar pela fantasia dos rumores defendidos pela política e pelo poder hegemônico da comunicação, o filme mostra cenas de traição, medo, desesperança, cumplicidade, empatia, afeto e desafeto. Mas, põe a própria questão de como a concepção de verdade ou não verdade vem de uma esfera superior às questões individuais, e que, de certa forma, guia toda uma coletividade e movimentos sociais.

Ao final, os cientistas que descobriram a tragédia decidem se unirem em um pequeno jantar, pois percebem que já não há mais nada a se fazer, apenas aproveitar os pequenos últimos momentos, em grupos, os quais há muito tempo não o faziam, valorizando o lado humano e o convívio social e afetivo. Por outro lado, depois que a tentativa da iniciativa privada de destruir o asteroide e extrair recursos naturais dele frustra, a representante política e presidenta dos EUA e outros políticos se reúnem com uma cúpula para fugir para outro planeta. Nessa última cena, a presidenta confessa seus erros, em uma ligação por celular ao professor Randall, e propõe que ele e sua família embarquem em uma nave para fora do planeta Terra, indo ao encontro de outro planeta que supostamente havia possibilidade de vida, mas o Dr. Randall recusa a proposta, agradecendo o interesse e a gentileza, afirmando que ficaria os últimos minutos com a família e amigos.

Após esta fala, ocorre uma cena, na qual a presidenta percebe que, em meio a sua ambição de fugir e se esquivar da responsabilidade do que houve, esqueceu seu filho na sala de monitoramento espacial, o qual inevitavelmente iria morrer junto com a humanidade.

A relação de poder, bem como sua conexão com a difusão de informação, aparece em diversos momentos do filme, mostrando uma divisão clara sobre quem controla ou não as massas, e de certo esta relação será abordada com mais profundidade no tópico posterior.

2 Uma análise da relação de poder por meio da difusão de informação

Sabemos que o controle de uma massa populacional se dá por meio da informação, e hoje a tecnologia está a serviço do aprimoramento e rapidez desse processo, alcançando os mais distantes lugares. Essa lógica da tecnologia e informação encontra na sociedade atual um espaço de produção social, como apontam muitos pesquisadores, a exemplo de Pinto (2005, p. 219), “[...] desde os jornalistas até filósofos, não há estudioso dedicado a observar a realidade, onde se destaca ao primeiro relance a forma de produção social, que deixa de usá-la, tendo de permeio os especialistas em todos os modos imagináveis do saber”.

O saber, de certo modo, no sistema capitalista, ganha valor de mercado, ou seja, é uma mercadoria, que pode ser comercializada seja para lucrar, dominar ou entreter. Esse fato é bem pontuado pelo filme “Não olhe para cima”, no qual, ao longo das primeiras cenas, a atriz principal entra em um laboratório todo equipado, onde são realizadas observações astronômicas. Ora, a cena deixa clara a busca de uma forma de saber, e o fato é que todo o trabalho da doutoranda se dá por meio de recursos tecnológicos ali presentes, que lhe permite acesso à informação, que culminará na trágica descoberta em questão. Ou seja, vemos a tecnologia presente em diversos âmbitos de nossa sociedade, porém esta não se resume a uma presença só no atual momento do desenvolvimento humano, como aponta Pinto (2005, p. 220), já que “[...] encontramos no conceito de tecnologia o conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento”.

Lyotard (2002) argumenta que na pós-modernidade, as narrativas e metanarrativas que antes davam sustentação ao conhecimento científico e à modernidade perdem sua validade e legitimidade, e novas formas de saber emergem, baseadas em jogos de linguagem e discursos fragmentados.

Essa condição pós-moderna tem implicações significativas para o papel das tecnologias e dos aparatos tecnológicos na sociedade contemporânea. Como os discursos e narrativas que antes davam sustentação ao conhecimento científico e à modernidade perdem sua validade, outras formas de poder e influência podem emergir, baseadas em tecnologias e aparatos ideológicos.

Nesse sentido, podemos recorrer ao conceito de aparelhos ideológicos do estado de Althusser (1985), que argumenta que a ideologia é produzida e reproduzida por meio de práticas e instituições sociais, como a escola, a mídia e a religião. As tecnologias também podem ser entendidas como aparelhos ideológicos que reproduzem e disseminam certas ideias e narrativas, muitas vezes com fins políticos ou econômicos.

Em suma, a reflexão sobre o uso das tecnologias e aparatos ideológicos nos ajuda a entender as relações de poder por trás das questões que norteiam o artigo.

Figura 3 – Primeiro encontro do Doutor Randall e sua aluna com a presidência.



Fonte: Geeklano (2021).

Seja no contexto atual, como no passado, e possivelmente no futuro, é certo que a tecnologia é um instrumento de dominação e controle, tanto de forma direta como indireta, seja de forma consciente ou inconsciente (PINTO, 2005). Esse fato favorece grupos que estão no poder e minorias políticas que sempre dominaram e conduziram as massas. O filme “Não olhe para cima” não trata apenas da tecnologia ligada à informação e comunicação, mas do controle hegemônico que está por trás dela.

Esse controle, segundo Harari (2019), se converge na defesa de verdades tidas como absolutas, construídas não por deduções individuais, mas coletivas e hierarquizadas. Hierarquizadas pois vieram de cima, de quem possui o controle, seja ele político, econômico ou tecnológico.

Uma análise superficial da história revela que a propaganda e a desinformação não são nada novas, e até mesmo o hábito de negar nações inteiras e criar países falsos têm um longo *pedigree* [...]. Os humanos sempre viveram na era da pós-verdade. O *Homo sapiens* é uma espécie da pós-verdade, cujo poder depende de criar ficções e acreditar nelas (HARARI, 2019, p. 208).

As relações de poder são bem pontuadas no filme, seja por meio da imprensa e das mídias em geral, seja pelo poder político e econômico. Essas reflexões podem nos ajudar a pensar em estratégias para combater a desinformação e o negacionismo, bem como para fortalecer o papel da ciência e do conhecimento científico na sociedade contemporânea.

Análise do roteiro cinematográfico frente à realidade atual – a Pandemia da Covid-19

A obra cinematográfica “Não olhe para cima” é uma crítica atemporal, embora o filme dialogue sobre algo que estávamos vivenciando no momento, a pandemia de Covid-19. A humanidade, ao longo do processo histórico e social, com a acumulação de bens e serviços, passa a construir narrativas na tentativa de dar significados para si e para os seus bens produzidos. A mensagem principal do filme descortina as forças do capitalismo hegemônico promotoras do negacionismo através de diversas frentes.

Desde a década de 1980, muitos filmes apocalípticos foram criados, evidenciando o fim planetário devido às intervenções do homem contra a própria natureza. O diferencial aqui exposto denuncia como a sociedade atual menospreza os dados científicos de um acontecimento real, frente aos seus interesses pessoais de forma predominantemente negacionista Viana (2021). Essa reação letárgica à destruição da Terra mostra o quanto os representantes governamentais podem agir de forma individualista, com justificativa a todos os fenômenos que não estejam de acordo com sua busca pelo capital e pela lucratividade. Esses fenômenos são aqueles que têm impacto direto na saúde do planeta Terra, como a mudança climática, o desmatamento, a poluição do ar e da água, entre outros, além de serem comprovados

cientificamente, com base em dados e pesquisas que indicam suas causas e consequências (IPCC, 2014).

No entanto, em muitos casos, os interesses individuais - sejam eles econômicos, políticos ou ideológicos - podem operar sobre esses fenômenos, desqualificando a validade dos dados científicos ou ignorando suas implicações. Isso é o que o texto chama de "reação letárgica à destruição da Terra" e "negacionismo", negacionismo esse muito bem pontuado no trabalho de Coelho (2019). Na prática, isso significa que alguns representantes governamentais ou empresariais podem agir de forma individualista, buscando benefícios pessoais mesmo que isso signifique ignorar ou negar a gravidade dos fenômenos que afetam a saúde do planeta (LIMA; FONSECA, 2019).

A obra cinematográfica, ao fazer uma clara crítica ao negacionismo, também vivenciado durante a pandemia de Covid-19, gera uma certa angústia com o seu final fatídico que resulta no fim da humanidade. Isso porque reflete no quanto a sociedade é refém, ou cúmplice, de questões fundamentais como a própria manutenção da vida do planeta Terra. O enredo utiliza a figura de um cometa em rota de colisão com a Terra como simbologia para retratar, de forma quase cômica, e trágica ao mesmo tempo, como as pessoas que detêm o poder hegemônico, mesmo diante de uma catástrofe mundial, pensam apenas no lucro. Outra crítica muito pertinente relaciona-se ao fato de as informações não chegarem ao público em geral por interesses políticos e de investidores, que amenizam a urgência e relevância de determinados assuntos, mas que poderiam questionar as decisões impostas pelos governos vigentes.

Outra análise significativa relacionada à Covid-19 está na normalização da morte, justificada por uma perturbadora lógica neoliberal e capitalista de que as pessoas não podem parar suas vidas por causa de um vírus. Ocorre, assim, uma desumanização social. Os gráficos mortuários crescem e, junto, a naturalização dessas mortes, como no caso do Brasil, onde os números cresceram de forma acelerada entre o primeiro trimestre de 2020 até o primeiro trimestre de 2021. Na obra intitulada "A cruel pedagogia do vírus", escrita por Boaventura de Sousa Santos, em 2020, dialoga, através de "Lições", como a sociedade contemporânea reage a determinados tipos de crises, as graves e agudas com letalidade imediata, e as crises

de projeção lenta, mesmo com alta letalidade, como as crises climáticas. Ao relacionar a crise pandêmica com as demais crises vivenciadas no Brasil, Boaventura reflete:

A pandemia do Coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII [...] é este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade em situação de catástrofe ecológica. (SANTOS, 2020, p. 22).

Na Lição 3, Boaventura descreve as consequências do capitalismo como modelo social:

E chegamos aos nossos dias com os Estados sem capacidade efectiva para responderem eficazmente à crise humanitária que se abateu sob os seus cidadãos. A fractura entre a economia da saúde e a saúde pública não podia ser maior (SANTOS, 2020, p. 25).

O negacionismo científico institucionalizado, além de criminoso, é organizado para a manutenção e controle do poder hegemônico (VIANA; COIMBRA, 2021). O conceito de "aparelhos ideológicos do estado" de Althusser (1985) é relevante para compreender como as ideologias são disseminadas e reproduzidas na sociedade, especialmente por meio das instituições que fazem parte do Estado, como escolas, igrejas, meios de comunicação, entre outras. Esses aparelhos servem para manter a dominação das classes dominantes sobre as classes subalternas, através da difusão de valores e ideias que reproduzem as relações de poder existentes na sociedade Foucault (1984).

A fragilidade social entre os que já estavam em situação de vulnerabilidade é agravada com uma crise que descortina e potencializa a fome, a miséria, a crise na saúde pública e educacional. Ela utiliza recursos como a pseudociência veiculada nas principais mídias sociais como WhatsApp, Facebook, Instagram e Twitter. Esses canais, pela sua inserção social, aceleram um grande volume de informações falsas, em um curto espaço de tempo.

As escolas permanecem letárgicas em relação às problemáticas emergentes na atualidade, impossibilitando discussões essenciais no ambiente escolar. O filme, como já explicado resumidamente no primeiro capítulo, mostra os jovens como aqueles que refletem alguma preocupação com a possibilidade de extinção do planeta. A figura da aluna de doutorado que busca, através da pesquisa, uma alternativa para evitar a catástrofe, com uma postura crítica, quase passional, está longe de ser uma realidade comum nas escolas atuais no Brasil.

Acreditar veementemente na potência de sua própria ação crítica não é algo pedagogicamente discutido nos campos da academia, espaço de currículos com conteúdos fragmentados e desfocados da realidade. Para Bazzo (2022), os processos de ensino, desde os primeiros anos da educação básica ao ensino superior, deverão sofrer mudanças profundas e urgentes que realmente possibilitem uma postura reflexiva entre educadores e educandos.

A educação desobediente, proposta por Bazzo (2022), provoca uma saída da zona de conforto, conteudista e tradicional, onde o docente coloca-se como detentor do saber, para uma árdua e desconfortável tentativa de mudança. Toda transformação gera inquietude, insegurança e desconforto, questões tão intrínsecas e ao mesmo tempo desafiadoras e essenciais para repensar a vida planetária para as gerações atuais e futuras.

Na trama, a frase “não olhe para cima” manifesta um pedido de socorro, na dualidade da sobrevivência planetária entre a ganância dos investidores envolvidos com o governo. Para Civiero (2021), a educação desobediente exerce um importante papel de insubordinação ao sistema capitalista historicamente enraizado em nossa sociedade. Alerta também sobre as relações sociais por vezes antagônicas diretamente relacionadas ao desenvolvimento científico.

3 A narrativa filmica e a relação com problemáticas atuais

O filme analisado, de certo modo, apresenta-se como uma comédia de absurdos que, paradoxalmente, chega a despertar várias preocupações por meio dos inúmeros temas passíveis de realizar um paralelo com o real, inclusive pelo foco nas mudanças climáticas. Como vimos, alguns pontos são possíveis de fazer analogias aplicáveis à pandemia do Covid-19, conforme apontado no capítulo anterior. Porém, como o roteiro de produção é anterior a este episódio da história da humanidade, pensamos que o foco principal é direcionado ao tema das mudanças climáticas, pois se assemelha à forma característica como os humanos estão lidando com essa problemática.

Pela sátira presente e suas ideias muitas vezes absurdas, faz, no mínimo, o telespectador pensar e distinguir entre o quanto é apenas humor desprezioso e o quanto realmente os eventos apresentados poderiam ocorrer em uma situação real,

causando inclusive desconforto. Na atuação, os personagens interpretados por DiCaprio e por Lawrence apresentam dificuldades na comunicação e no modo de agir, chegando a representar, em parte, o que vive a comunidade científica real, já que muitos pesquisadores (quando o fazem) apresentam as mesmas dificuldades, enquanto a população se encontra num terreno propício de inclinação para acreditar nas *fake news*.

Essa relação entre ciência e mídia possui seus lados positivos e negativos. Se por um lado é um meio de rápida difusão de informações para atingir um grande público de pessoas, há um grande interesse por parte da mídia quando as coisas dão errado ou por ideias altamente especulativas (MEADOWNS, 1999). Além de que há “pouco lugar na mídia para as ressalvas e rodeios que ornaram uma publicação científica típica” (MEADOWNS, 1999, p. 204), ocasionando “apresentações breves e simplistas, podendo dar uma impressão equivocada ao grande público” (MEADOWNS, 1999, p. 243). Estes, entre outros aspectos, favorecem e motivam as atividades de comunicação e divulgação científica que, mesmo muitas vezes não possuindo o mesmo impacto que um grande veículo midiático, é um meio de levar o conhecimento a um movimento para diminuir a desinformação e o descrédito da ciência.

Se o filme nos transmite a mensagem de que devemos estar mais atentos às situações e relações que a humanidade vem realizando no decorrer do processo civilizatório, não apenas ao que tange às mudanças climáticas, mas em relação também com a tecnologia e os meios de comunicação, por exemplo, esta ideia vem de encontro à concepção da *equação civilizatória*. Este último termo trata-se de uma ferramenta para a análise do real, conforme pontua Bazzo (2019), cuja equação é composta por variáveis contemporâneas que perpassam diversas questões e problemas – a exemplo da escassez da água, das violências, das epidemias, entre outras – que são retratadas pelo filme como desprezo da classe política por aquilo que não lhe traz votos, as fake news, disputa de narrativas, interferência política pelo empresariado, manipulação pelas classes privilegiadas, entre outras. Para se entender os resultados do avanço tecnológico para sociedade, tanto para males quanto para o bem, sobretudo, que resulta nas variáveis contemporâneas, como consequência

deste processo, utiliza-se do termo “equação civilizatória” como uma categoria de análise do real.

Assim, está no papel da sátira usar do humor para fazer uma crítica ou atentar sobre algum aspecto da sociedade que nos aflige (ou deveriam afligir) em nosso momento contemporâneo. É nesse intuito que a equação civilizatória se faz importante, pois é uma das maneiras de “reunir as mais diferentes variáveis que surgem a todo instante em uma civilização que está vulnerável às mais aceleradas mutações em seu comportamento cotidiano” (BAZZO, 2019, p. 21) e, assim, nos alertar sobre as consequências de nossas ações, fundamentalmente no que tange à mínima dignidade humana.

Partindo para a analogia que se direciona para as mudanças climáticas, há décadas – pelo menos desde os anos de 1970 – a comunidade científica vem alertando para as mudanças evidenciadas sobre o planeta e, mesmo que a aquisição de dados fosse menos precisa e ampla como nos dias atuais, as conclusões estavam coerentes e condizentes. Inclusive, possuímos inúmeras evidências de efeitos causados pelas mudanças climáticas e temos perspectivas do que poderá vir a ocorrer nas próximas décadas por meio de complexos modelos computacionais (LYNAS, 2008), como os impactos que tornarão a existência da vida humana e de outras espécies mais difícil, pelo desaparecimento de áreas propícias ao cultivo, acarretando no aumento da fome e da desigualdade social, áreas que se tornarão secas enquanto outras serão alagadas, biodiversidade perdida, etc. (LYNAS, 2008). Esses pontos se caracterizam como variáveis na equação civilizatória e que, direta ou indiretamente, influenciam nas suas incógnitas por estarem ligadas a aspectos humanos e, mais, de sobrevivência.

Muitos desses cenários irão se potencializar e outros passarão acontecer, mas estamos ignorando as mudanças que estão sendo evidenciadas e os alertas que estão sendo dados. Rees (2021, p. 37) alerta sobre o aumento populacional, mas “diferente dos problemas populacionais, ela certamente não é menos discutida do que deveria”, mencionando que o governo em sua “atuação ante as implicações das mudanças climáticas é vergonhosamente pouca” (REES, 2021, p. 37).

Diferente de um asteroide que atingirá a Terra, como mostra o filme, que se sucede a alguns fenômenos ocorrendo em um tempo relativamente curto, as mudanças climáticas já estão ocorrendo e seus efeitos evoluindo de maneira gradual.

Nas primeiras reuniões do clima, pouca coisa foi levada a sério e, atualmente, não foram tomadas as medidas urgentes que a questão necessita, seja por cientistas, políticos e outros diretamente interessados, inclusive sendo ridicularizada em algumas situações pela mídia, políticos e corporações. Conforme Rees (2021, p. 39), “o debate sobre o clima tem sido marcado pela confusão entre ciência, política e interesses comerciais”.

Postman e Weingartner (1971), em uma discussão sobre o contexto educacional, trabalham com as ideias de Marshall McLuhan e o aforismo segundo o qual “o meio é a mensagem”. A mensagem é entendida como “as percepções que nos é consentido construir, as atitudes que somos estimulados assumir, as sensibilidades que somos encorajados a desenvolver” (POSTMAN, WEINGARTNER, 1971, p. 38); e um meio é consistido como a televisão, jornal ou o meio ambiente. Assim, de acordo com os educadores, McLuhan nos incentiva não a questionar “o que está sendo transmitido na televisão” ou “o que diz o jornal”, mas “de que modo a estrutura ou o processo do meio ambiente manipula os nossos sentidos e atitudes?” (POSTMAN, WEINGARTNER, 1971, p. 38).

Um comparativo pode ser realizado ainda quando os dois cientistas do filme levam a notícia e evidenciam um comportamento por parte dos políticos de despreocupação quanto à natureza da mensagem, preocupando-se apenas com suas imagens e a busca pelo lucro, influenciando a população a um estado de igualmente pouco importância para o evento. Isso está de acordo com a lógica do mercado e sua incessante busca pelo lucro, legitimada em nossa sociedade e, como consequência, a transformação da natureza que implica nas mudanças climáticas, as quais colocam em risco a vida do planeta e a de cada ser vivo. Segundo Porto-Gonçalves (2012, p. 57), se

[...] permanecer a lógica capitalista subjacente ao padrão de poder mundial, os riscos ambientais inerentes a esse sistema-mundo moderno-colonial continuarão a colocar a vida do planeta e de cada um em perigo. E isso não somente pelas razões estritamente ecológicas tão bem apreçadas, mas, sobretudo, pelo caráter de tensão militar permanente que implica um mundo tão desigual. E que para se manter exige a apropriação de recursos que estão em todo mundo para satisfazer não mais que 20% a 25% da população mundial.

Quando nos deparamos com o debate de temas importantes como este, podemos perceber que alguns lados tomam posições que podem ou não favorecer um outro

grupo, como a mídia, os cientistas, os especialistas, os políticos e os empresários/corporações. No bombardeamento de informações a que somos submetidos, podemos ser induzidos a tomar partido de um lado que não necessariamente irá beneficiar a humanidade.

Nesse contexto de bombardeamento de informações virais, as mídias se fazem superficiais, mantendo seus próprios interesses, mesmo quando o assunto é sério e urgente, de forma a banalizar os assuntos e, em alguns casos, divergindo do ponto central da discussão e expondo ao ridículo o “mensageiro” com sua falta de clareza. Meadows (1999) coloca que, para que um tema seja “jornalístico”, deve possuir características, como estar acontecendo e estar para acontecer, possuir alguma relevância para a população e ter um elemento de distração. Porém, as prioridades da mídia ao noticiar pesquisas diferem em muito das prioridades da comunidade científica. Isso afeta a extensão com que diferentes temas são noticiados na mídia” (MEADOWS, 1999, p. 70). Assim, entre negadores e oportunistas, as pessoas, em decorrência de sua ignorância (no sentido de não saberem ouvir e ter capacidade de entender o que lhes está sendo colocado), passam a ser influenciadas e deixam de ter a consciência que deveriam frente a questões importantes.

O filme “Não olhe para cima” faz-se rico ao trazer à tona algumas variáveis contemporâneas e a maneira como elas influenciam a sociedade e vice-versa. São alvos, além dos já explorados e mencionados neste trabalho, o armamento, o mundo das aparências, a cultura do entretenimento e sua mídia “caça-cliques”, obsessão por internet e *smartphones*, vaidade das celebridades, individualismo etc. Por outro lado, são questões e situações que, com maior ou menor intensidade, deslocam a nossa sociedade contemporânea de encontro ao que realmente nos interessa e nos mantém vivos e seguros. Respaldados pela equação civilizatória, podemos ser levados a questionar de que modo chegamos a tal estado, a composição dos fatores e qual caminho poderíamos trilhar para um caminho alternativo.

Considerações finais

A escolha da narrativa fílmica como instrumento de análise crítica da realidade possibilita refletir sobre as variáveis contemporâneas resultantes do processo desumano e cruel que, nesse caso, seria “apenas” a extinção planetária. A sátira envolvida em “Não olhe para cima” segue a intenção cômica e trágica de uma realidade temporal, que em tese poderia ser evitada através da ação humana. Assim, é fundamental pensar na Equação Civilizatória como uma metáfora que nos depara com as urgências civilizatórias, que possibilitam alguns caminhos e estratégias de mudanças. Dessa forma, a equação civilizatória nos permite refletir, de forma necessária, sobre como os processos sociais se deram, e de certa forma ainda se dão, conduzindo a humanidade para, em muitos momentos, uma tomada de decisão não-racional. Ainda que esteja em jogo não apenas o seu futuro, como de todos os demais.

As principais variáveis contemporâneas escolhidas neste artigo foram: a banalização da vida, a dignidade humana, *fake news* e o controle em massa, o negacionismo e os problemas ambientais. Nossas reflexões se traduzem numa análise hermenêutica, no sentido de apontar críticas à sociedade atual, e o modo pela qual as pessoas são influenciadas por meio das informações, sobretudo, alimentadas pelo deslumbre tecnológico das redes sociais, e de certa não muito distante do Castells (1999) definiu como “sociedade em rede”.

Do contexto da Covid-19 aos problemas ligados às mudanças climáticas, percebe-se a atuação das estruturas hegemônicas de poder, tanto econômico como políticas, utilizando-se da mídia e dos meios de comunicação de massa, como é apontado na narrativa fílmica contextualizada neste trabalho.

Dessa forma, o presente trabalho nos provoca a perceber como as relações humanas como dilemas, alienação, controle, manipulação, verdades e certezas podem ser construídas sobre pretensões e articulações de interesses exógenos a nós. Com isso, a ausência de questionamento e embasamento científico nas informações a nós apresentadas nos conduz a convicções e certezas precipitadas e equivocadas, as quais podem desenvolver grandes problemas a curto ou a longo prazo. Isso nos convida a estar alerta sempre, pois as *fake news* e as relações de poder podem estar presentes em diversos segmentos aos quais temos acesso.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BAZZO, Walter Antonio. *De técnico e de humano: questões contemporâneas*, 3. ed. atual. Ampl. Florianópolis: UFSC, 2019.
- BAZZO, Walter Antonio. Ponto de Ruptura Civilizatória: a pertinência de uma educação “desobediente”. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, v. 11., n. 33. Disponível em: <http://www.revistacts.net/contenido/numero-33/ponto-de-ruptura-civilizatoria-a-pertinencia-de-uma-educacao-desobediente/> Acesso em: 17 abr. 2022.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COELHO, André. *Dicionário dos negacionismos*. São Paulo: Leya, 2019.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- CIVIERO, Paula Andrea Grawieski. *Gênese e Desenvolvimento do Conceito de Equação Civilizatória na Sociedade Contemporânea*. 2021. 33 f. Relatório de Pós-doutoramento (Pós-Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, UFSC, 2021. Disponível em: <https://nepet.ufsc.br/Documentos/ConceitoEqua%C3%A7%C3%A3oCivilizat%C3%B3ria%20Relat%C3%B3rio%20PaulaAGCiviero%20UFSC%202021.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. *Climate Change 2014: Synthesis Report*. Geneva: IPCC, 2014.
- LYNAS, Mark. *Seis graus: o aquecimento global e o que você pode fazer para evitar uma catástrofe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- LIMA, Gustavo José de Toledo; FONSECA, Thiago Dornelas. "Os limites do negacionismo científico no debate público sobre as mudanças climáticas". *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, v. 20, n. 2, 2019, p. 59-78.
- MEADOWS, Arthur Jack. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.
- PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro. Contraponto. 2005.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- POSTMAN, Neil; WEINGARTNER, Charles. *Contestação – nova fórmula de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.

REES, Martin. *Sobre o futuro: Perspectivas para a humanidade: Questões críticas sobre ciência e tecnologia que definirão a sua vida*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma revolução democrática da justiça*. São Paulo: Cortez, 2011.

VICTOR, Marco. *Não Olhe Para Cima: Saiba tudo sobre o novo filme da Netflix*. Metrôpoles, 24 dez. 2021. Disponível em: <https://www.jornadageek.com.br/nao-olhe-para-cima-tudo-sobre/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

VIANA, Laudemir Luiz; COIMBRA, Bruno. Negacionismo climático, ciência e democracia: um diálogo possível? *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 9, n. 20, 2021, p. 176-195.

Filmografia

NÃO OLHE para cima. Direção: Adam McKay. Produção de Adam McKay, Kevin Messick, Scott Stuber, Betsy Koch e Todd Schulman. Estados Unidos: Hiperobject Industries/Netflix, 2021. 1 vídeo (138 min.).

Recebido em: 21 jul. 2022.

Aceito em: 26 abr. 2023